

A sombra da incerteza

VILLAS-BÓAS CORRÊA*

Até menos de dois meses, exatos 52 dias, da posse do presidente Fernando Henrique Cardoso, a nebulosa das esperanças começa a dissipar-se com a carga nervosa das expectativas em contagem regressiva, reclamando informações sobre a composição do futuro governo e seus passos iniciais, no embalo inaugural das promessas de um novo tempo.

Não se alegue precipitação de cobranças nem ansiedade excessiva e prematura. A transição tem seu rito e suas exigências, que não são as da campanha nem os do desdobramento dos resultados eleitorais mas como que o primeiro tranco da proximidade do choque com a realidade, o instante de checar a confiança do voto com os dados que a confirmem ou insinuem a ponta de dúvida.

No caso, não parece ser bem isso. Até mesmo porque a singularidade da eleição de candidato com marca de esquerda, encaixado pelo desespero centrista e sustentado por esquema que abre o leque das contradições. Quer dizer: a difusa sensação de insegurança reflete a convicção do risco da aposta, como jogador que atira as fichas no tudo ou nada.

Não é para menos. Fernando Henrique fez a campanha que o levou à eleição no primeiro turno, com mais de 34 milhões de votos, entoando o discurso do otimismo. Do sorriso fixo à proposta de governo do *Mãos à obra, Brasil*, a afinação dos programas no horário eleitoral e os discursos dos comícios despejaram promessas de retomada do desenvolvimento no milagre do quadriênio de um novo salto no celebrado estilo JK.

O candidato forçou o contraste da permanente euforia com o tom depressivo de amargas denúncias da proposta de mudanças radicais de Lula. Depois de eleito não mudou a toada. Certamente porque não convinha espalhar pedras no caminho pavimentado de ilusões. E, também, porque não seria esperto bater de frente com a esfusiante programação de despedida do presidente Itamar Franco.

É por aí que começam as apreensões. Itamar está impossível. Entende-se. Afinal, é difícil resistir aos 82% de popularidade, conferidos e confirmados por diversas pesquisas, depois de meses de sofridos insucessos e frenética troca de ministros. O mais corre por conta do temperamento. O toque imprevisível que apavora: quem garante que, daqui até o final de dezembro, a fase de deslumbramento de Itamar resistirá ao impulso de uma medida de impacto, como generoso aumento natalino para os servidores civis, e principalmente militares, ou a adesão aos R\$ 100,00 de salário-mínimo?

São cócegas da transição, a febre nervosa da véspera. Isso passa e sempre é possível serenar turbulências. Na verdade, o desafio cabe inteiro nos quatro anos do mandato encurtado, e que pode ter ficado pequeno demais para comportar compromissos agendados e datados na compactas 250 páginas do livro de campanha, com assumida autoria do presidente eleito.

O PFL se transformou em exemplo e paradigma, puxando a fila da

Biografia não falta a Fernando Henrique. Até sobra nos brilharecos acadêmicos, de notório reconhecimento internacional. O desempenho na campanha consolidou a vitória. Mas nas reavaliações da vigília do consumado, surge a mancha imprecisa da falta de experiência. Claro que o eleitor virou as costas e desdenhou candidaturas com largo currículo de duvidosos resultados. Na polarização espontânea que dispensou o segundo turno, optou pelo rasgo ousado de testar mudanças, a começar pelos candidatos. Lula nunca administrou nada; a experiência administrativa de Fernando Henrique limita-se à meteórica passagem pelo Ministério das Relações Exteriores e o fulminante êxito concentrado nos meses de implantação do plano econômico no Ministério da Fazenda.

Convenhamos que é pouco, muito pouco. Percalços das duas décadas de arbítrio que tumultuaram o exercício regular da militância política, estimulando a improvisação.

Ainda não é tudo. O projeto político de Fernando Henrique é tocado pelo êxito crescente e continuado. Não admite o insucesso. Nem mesmo o sobressalto de períodos de aquecimento inflacionário. Ou, pelo menos, nada que passe da conta justa do tolerável. O índice acima de 3% previsto para este mês repercutiu com a estridência do alarme no governo, exasperando a veemência verbal do jovem ministro Ciro Gomes e deflagrando série aflitiva de providências para esfriar a demanda, reduzir o crédito e segurar a inflação pelo rabo, antes do disparo. Ou do medo da disparada — considerada como improvável nas análises de economistas idôneos.

A montagem do esquema partidário que emplacou a vitória é uma obra primorosa de engenharia política, registrada na evolução do PFL, descolando da sua base conservadora para pousar na salvação eleitoral do apoio ao candidato social-democrata.

O inusitado da acrobacia de extraordinária competência desliza mansamente pelo facilitário do poder compartilhado. Irrepreensível na conversão, o PFL transformou-se em exemplo e paradigma. Puxa a fila da desambição. Não pleiteia ministério; aceita tarefas por livre escolha do presidente. E propõe o enxugamento severo da administração, com a extinção de mais de 200 órgãos federais.

É ainda o compromisso do êxito que solda a aliança de recentes desafetos. Tudo, afinal, pendura-se na obrigação do sucesso, sem tolerância para as naturais e mesmo inevitáveis dificuldades circunstanciais. O presidente Fernando Henrique amarra-se a governo que não pode errar. Incompatível com eventuais insucessos do crepúsculo de ofuscante vermelho do governo de Itamar Franco. E pairando acima da falibilidade do barro humano. Equilibrado no fio fino do risco absoluto.